

## Ilusões e perigos do keynesianismo militar

Romaric Godin – Mediapart/Viento Sur - 18/04/2026



### Uma velha história

Após se esgotarem várias tentativas de reviver o crescimento e a produtividade, os líderes ocidentais encontraram uma nova saída milagrosa para garantir futuros supostamente mais felizes: o rearmamento. O aumento dos gastos militares, inicialmente apresentado como meio de defesa, agora também é visto como um meio de alcançar crescimento econômico maior. Ora, uma [história trágica vai se repetir](#)? Esse caminho pode ser evitado?

Esse *keynesianismo militar* tornou-se agora quase uma doutrina oficial da Alemanha, onde o *governo de grande coalizão*, liderado pelo conservador Friedrich Merz, não esconde o fato de que seu plano de investir 150 bilhões de euros entre agora e 2029 no setor militar deve permitir a retomada do crescimento.

Diante do esgotamento de seu modelo econômico, a Alemanha parece ter encontrado uma forma de usar novamente a sua capacidade industrial. A ministra da economia, Katherina Reiche, proclamou no ano passado que "a política de defesa e segurança é um fator econômico essencial". Por sua vez, os institutos econômicos alemães prometem uma recuperação da atividade graças ao relançamento militar programado.

Esse cenário não é surpreendente. Após o fracasso dos diferentes planos de relançamento e do apoio financeiro para tentar relançar o crescimento, com o apoio quase incondicional do Estado após a crise de saúde, a opção militar parece ter se tornado o último fio de salvação para economias que perderam o dinamismo.

Existem alguns exemplos históricos que apoiam um cenário em que o keynesianismo militar permitiria que a economia fosse relançada de forma duradoura. Os Estados Unidos emergiram da crise de 1929 devido ao enorme e rápido investimento que o Estado trouxe para o setor de defesa a partir de 1940. Após um curto período de transição, essa expansão se estendeu ao setor civil e formou a base para o crescimento nas três décadas seguintes. A II Guerra Mundial permitiu de início que os Estados Unidos da América do Norte saíssem da depressão.

A esperança dos líderes de hoje repousa acima de tudo nesse exemplo. Mas será razoável esperar que isso se repita? Um estudo publicado em abril pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) tenta traçar um retrato histórico dos episódios de *relançamento militar*. O FMI observou a evolução de 164 países desde 1945 e

indicou 215 episódios de "crescimento nos gastos militares", definidos como um período de aumento médio de pelo menos um ponto do PIB nesses gastos em comparação com os últimos dois anos.

### Um efeito limitado

Nos episódios analisados, o FMI identifica um aumento médio de 2,7 pontos no PIB durante um período médio de dois anos e meio; essa expansão precisa ser financiada em grande parte por um aumento dos gastos públicos. Esse choque de demanda leva, em média, a um aumento adicional do PIB em linha com o aumento dos gastos. Em outras palavras, o *multiplicador* dos gastos militares é 1: um euro investido em defesa aumenta o PIB em um euro.

No entanto, entrando em detalhes, pode-se ver que a transmissão do crescimento do PIB para o restante da economia ocorre principalmente por meio dos gastos públicos, que aumentam 9% em três anos, como, também, pelo consumo pelas economias familiares (+3% em três anos) e investimento privado (também em torno de +3%). Por outro lado, esse relançamento degrada o comércio exterior ao estimular as importações.

Esse último elemento é importante porque mostra que, por trás do *multiplicador*, o relançamento militar depende fortemente dos gastos públicos. A autonomia do crescimento privado é fraca e isso induz um aumento do déficit público. Em outras palavras, o crescimento produzido pelo rearmamento não é autofinanciado: na verdade, sai bem caro para o Estado.

O FMI estima que cada relançamento militar custa, em média, 2,6 pontos de PIB de déficit suplementar e 7 pontos de PIB de dívida pública. Ademais, para ser eficaz no curto prazo, o relançamento militar deve ser feito com um novo déficit.

É verdade que o FMI aponta para um efeito benéfico duradouro na produtividade, mas com três qualificações importantes. Primeiramente, essas melhorias não são suficientes para *financiar* o relançamento no médio e longo prazo. Em segundo lugar, diz o FMI, essas melhorias são em grande parte explicadas por um "melhor uso da capacidade produtiva". Uma vez que o relançamento seja concluído, esse uso tem de ser reduzido. E, finalmente, a maior parte dos dados do FMI vem de países emergentes, onde o nível de produtividade é relativamente baixo, o que facilita esse tipo de reação.

Assim, no fim das contas, a dependência do relançamento militar da demanda pública, à medida em que o comprador final das armas é o Estado, tem consequências importantes. Primeiramente, esse relançamento, tão dependente do fluxo de dinheiro público, não é mantido ao longo do tempo uma vez que esse fluxo se esgote.

Ademais, e acima de tudo, a manutenção desse fluxo em direção aos gastos militares deve ser feita, *em resumo*, em detrimento de outros gastos. Como o Estado perde recursos devido a esse relançamento, é necessário moderar os serviços públicos ou os gastos sociais em favor das forças armadas. Trata-se da clássica alternativa "mais *pão* ou mais *armas*".

Isso põe uma armadilha: para ser eficaz no curto prazo, o relançamento militar deve ser feito com um novo déficit, mas isso induz cortes nos gastos

públicos a longo prazo que acabam recair sobre as atividades civis globais. O crescimento, portanto, não é apenas fraco, mas muito dependente dos gastos militares por parte do Estado.

Ademais, ele é inflacionário, porque, diante da crescente necessidade de recursos para defesa, as atividades civis logo superaquecem. A falta de recursos então leva a um aumento nos preços ao consumidor. Todos os períodos de rearmamento também são períodos de inflação, a menos que medidas rigorosas de controle de preços e racionamento sejam implementadas.

### **Austeridade e repressão social**

O que às vezes é apresentado como uma solução econômica não se confirma como tal. Em particular, no que diz respeito à Europa, a maioria dos estudos sugere que o crescimento não será sustentado o suficiente para evitar arbitragem em detrimento dos serviços públicos e dos gastos sociais.

O FMI examina o caso da Polônia, um país que aumentou muito seus gastos militares, especialmente com equipamentos. Entre 2021 e 2025, esses gastos passaram de 2,2% do PIB para 4,5%. Se a Polônia viu um crescimento sustentado, ele não deveu ao esse esforço de guerra. "O impacto macroeconômico do aumento dos gastos militares na Polônia parece ter sido discreto", resume o FMI. As consequências sobre os outros gastos públicos são, no entanto, muito palpáveis.

No caso da Alemanha, um estudo realizado em junho de 2025 por dois pesquisadores da Universidade de Mannheim, Tom Krebs e Patrick Kaczmarczyk, afirma o mesmo. "A análise mostra que o multiplicador orçamentário para gastos militares na Alemanha não é maior que 0,5, podendo chegar até a 0", explicam os dois economistas, lembrando que o multiplicador para gastos com infraestrutura é 2 e para gastos com cuidados pessoais é 3.

Isso significa que um euro gasto na defesa da Alemanha gera 50 centavos de crescimento e contribui para aumentar o déficit. Os cálculos da União Europeia também não levam a resultados melhores. A UE espera apenas um efeito *moderado* no crescimento a partir do aumento de 1,5 ponto do PIB nos gastos com defesa. A dívida pública, por sua vez, pode aumentar globalmente entre 4 e 5,5 pontos do PIB.

Inevitavelmente, o papel do sistema de financiamento e, portanto, dos mercados financeiros nas políticas econômicas é reforçado. Agora, essas políticas econômicas são políticas de classe: fazem com que a essência do ajuste recaia sobre o mundo do trabalho. Portanto, é preciso esperar que *sacrifícios* sejam exigidos do povo em nome da defesa regional ou nacional.

No caso da França, o Conselho Superior de Finanças Públicas, guardião dessas políticas de classe, pediu a moderação das políticas sociais para garantir o financiamento do esforço militar. Em um texto de dezembro de 2025, o centro de estudos pró-europeu Bruegel destaca a necessidade de um "ajuste adicional dos orçamentos dos países membros da UE" para lidar com o aumento dos gastos militares. Na realidade, a repressão social faz parte do conjunto que vem com a lógica da militarização da economia.

Quando a atividade econômica passa a fazer parte da *defesa* nacional, a contestação e a crítica deixam de ser aceita. A acumulação de capital privado realizada nesse contexto torna-se sagrada; opor-se a ela torna-se um crime. É uma das razões pelas quais, além de seu estrito impacto econômico, o desenvolvimento do setor de defesa é tão importante para o capitalismo contemporâneo.

### **O voo militar tem limites**

Mas tudo isso tem seus limites. A persistência da questão do financiamento cria um dilema que leva a um voo para frente que se mostra desastroso. Como os gastos militares aprofundam o déficit comercial e as necessidades cambiais para financiar esses gastos aumentam, uma política massiva de rearmamento pode levar às clássicas crises de balanço de pagamentos. A única maneira de escapar deles é voltar ou usar armas para obter acesso direto a recursos por meio da guerra.

Em *The Wages of Destruction*, o historiador Adam Tooze explica como o rearmamento alemão iniciado em 1934 chegou a um impasse em 1938: os fluxos líquidos de moeda estrangeira secaram e ameaçaram o país com uma crise extrema, e a indústria de defesa com falta de recursos.

Portanto, há apenas duas opções: reconversão civil, dolorosa no nível social, ou a fuga militarista para frente. A guerra então se torna a *opção mais razoável*: aquela que permite manter a indústria militar enquanto garante, por meio da predação do orçamento civil, os recursos necessários. Essa foi a decisão tomada pelo regime nazista, arrastando o mundo para a destruição.

No caso imediato da Rússia, a entrada na guerra contra a Ucrânia, em 2022, permitiu a recuperação do crescimento. Mas, após pouco mais de dois anos, o progressivo esgotamento dos recursos financeiros do Kremlin o forçou a reduzir a demanda civil por meio de altos impostos para manter a prioridade dada às forças armadas. E agora, com o crescimento global tão dependente da demanda militar, a solução escolhida assume a forma de uma verdadeira fuga militar para frente que, como mostrou a história, pode ser suicidária.

Além disso, essa lógica de voo para frente continua quando o crescimento é mais forte e durável. É lógico: se o crescimento depende cada vez mais dos gastos militares, tudo o que for possível deve ser feito para manter essa necessidade. Os Estados Unidos e a União Soviética mantiveram gastos militares sustentados durante toda a Guerra Fria, usando os *teatros* secundários de sua oposição para renovar, vender estoques e testar novas armas.

Este voo para frente terá um preço alto. A Guerra do Vietnã levou Washington a enterrar os acordos econômicos de Bretton Woods; a corrida armamentista dos anos 1980 esgotou e condenou a morte a URSS. O caso israelense também é um exemplo dessa dinâmica desastrosa entre crescimento e gastos militares. O setor de tecnologia do Estado hebraico depende fortemente do setor militar. Manter conflitos permite que o crescimento do país seja sustentado.

O relançamento militar, portanto, é uma ideia perigosa. Não apenas porque não é operacional no nível econômico, mas porque cria o leito da repressão social e de uma fuga militarista e destrutiva para frente. Por essa razão, tornou-se a política preferida pelos líderes extremistas do capitalismo contemporâneo.